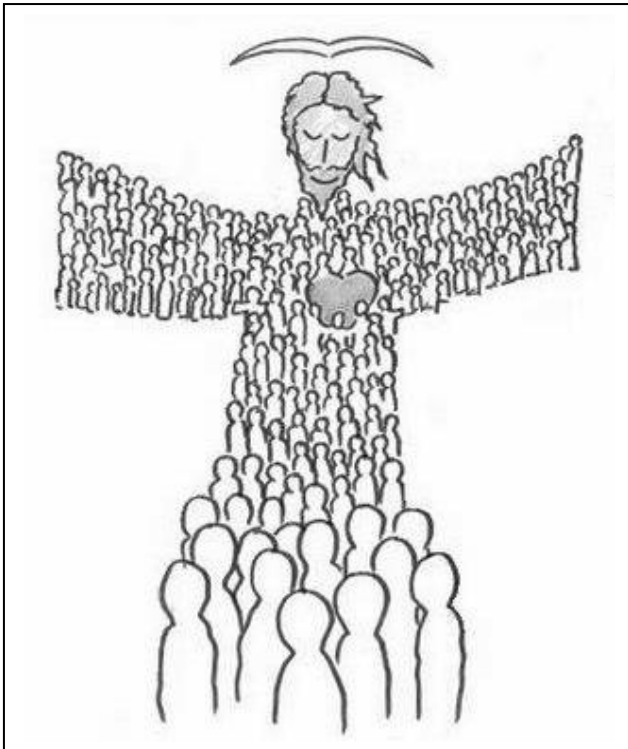




1. PROLEGÔMENOS



“Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.” (Mateus 16:18)

“Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da **família de Deus**; edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que **Jesus Cristo é a principal pedra da esquina**; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor. No qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em Espírito.” (Efésios 2:19-22)

“Assim, pois, **as igrejas** em toda a Judéia, e Galiléia e Samaria tinham paz, e eram edificadas; e se multiplicavam, andando no temor do Senhor e consolação do Espírito Santo.” (Atos 9:31)

Se você fizer um pequeno passeio pelo bairro onde mora verá que não será preciso realizar nenhum esforço para encontrar alguma igreja evangélica instalada nele. Há bairros em que

há mais igrejas evangélicas instaladas do que bares ou botecos. É verdade também que, se você adentrar em algumas dessas igrejas, poderá sair de lá “maravilhado” ou “aterrorizado” com as coisas que poderá presenciar. Ao analisarmos as igrejas evangélicas em geral com um “olhar investigativo”, podemos ver que há virtudes em muitas delas e erros em todas elas.

Vemos o uso da palavra “igreja” por toda a parte, mas seu significado é frequentemente muito diferente. Algumas pessoas usam “igreja” para descrever um belo edifício no centro de uma praça proeminente. Outros a usam para descrever uma organização religiosa mundial. As definições confusas de igreja, em nosso tempo, muitas vezes vedam o significado original desta palavra quando aplicada, no Novo Testamento, ao povo de Deus. Alguma vez você já se questionou ou então foi questionado por alguém sobre: Qual é a origem da igreja? Por que e para que nós precisamos dela? De que maneira a igreja pode vir a se tornar uma bênção em nossas vidas? As respostas a estas e outras perguntas, poderão ser encontradas no conteúdo desta apostila. Bom estudo!

2. ETIMOLOGIA

* **Eclesiologia.** Do grego *ἐκκλησία* (ekklesia = assembléia; congregação; igreja) + *λόγος* (Lógos = revelação; palavra; discurso; doutrina; raciocínio). Podemos definir eclesiologia como uma reflexão científica sobre toda a realidade da Igreja à luz de quanto Deus nos revelou para alcançar um conhecimento orgânico e proveitoso para a Igreja.

3. DEFINIÇÃO DE IGREJA

A igreja é um aspecto da doutrina cristã sobre o qual praticamente todos, crentes e descrentes, têm uma opinião. Em parte, é porque, sendo uma instituição da sociedade, a igreja pode ser observada e estudada pelos métodos da ciência social. Isso, porém, nos apresenta um dilema. Podemos ser tentados a definir igreja pelo que é empiricamente*. Tal abordagem, no entanto, poderia confundir o real com o ideal e, assim, por mais interessante que seja, deve ser evitada.

{*} EMPÍRICO:

Aquilo que é derivado de experimento ou de observação da realidade. É baseado apenas na experiência e, pois, sem caráter científico.

Entende-se por igreja a totalidade dos salvos em Cristo, dos que estão compromissados com a obra do Senhor, dos separados (santos) pela aceitação de Jesus como Senhor e Salvador. A igreja é aqui na terra o corpo místico de Cristo. Nesta acepção, é chamada igreja invisível, a que tem vida interior, espiritual. Cristo é a cabeça desse corpo. Dá-se o nome de Igreja Local ao grupo de pessoas chamadas de membros - unidas na mesma fé em Cristo Jesus, que se reúnem regularmente em determinado lugar, sob a coordenação e direção de um chefe espiritual. Neste caso, chama-se igreja visível, ou seja, a igreja institucional, organizada, formal, terrena.

4. O INÍCIO DE TUDO

Para entendermos a origem da igreja, é necessário que façamos uma “viagem no tempo”. A Igreja, como Família de Deus, começou no Jardim do Éden. Ali Deus manifestou Seu propósito de reunir uma família, um povo só Seu. Desde o princípio, esteve no coração de Deus o desejo de que o Seu povo estivesse reunido em um ambiente onde pudesse prestar a Ele louvores e uma adoração coletiva. O desejo de Deus sempre foi o de “habitar” no meio de Seu povo:

“E me farão um santuário, e habitarei no meio deles... E habitarei no meio dos filhos de Israel, e lhes serei o seu Deus, e saberão que eu sou o SENHOR seu Deus, que os tenho tirado da terra do Egito, para habitar no meio deles. Eu sou o SENHOR seu Deus.” (Êxodo 25:8; 29:45-46)

Nos dias de Moisés, durante a peregrinação no deserto, foi construído então o “Tabernáculo de Israel” ou “Tabernáculo de Moisés”. Uma tenda portátil que podia ser transportada de um lugar para outro durante as peregrinações no deserto. Esse tabernáculo foi totalmente planejado e arquitetado por Deus e também serviu como tipologia do que haveria de ser a vida, o ministério e a obra redentora de Jesus.

O próprio autor da epístola aos hebreus declarou o seguinte sobre o Tabernáculo de Israel e seus utensílios:

“Os quais servem de exemplo e sombra das coisas celestiais, como Moisés divinamente foi avisado, estando já para acabar o tabernáculo; porque foi dito: Olha, faze tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou.” (Hebreus 8:5)

Poderíamos passar meses – ou até mesmo anos – estudando os diversos detalhes do Tabernáculo de Israel que, ainda assim, não conseguiríamos entender por completo toda a sua engenhosidade, complexidade, magnitude e excelência. O Tabernáculo foi tido como sendo a “casa de Deus” em Israel, durante 400 anos. Durante a maior parte do tempo, ficou em Siló. Com o passar dos anos e devido a inúmeros fatores históricos, o Tabernáculo de Israel (primeiro templo construído para o culto ao Deus vivo) foi substituído por outras construções descritas a seguir:

TEMPLO DE SALOMÃO	Sua glória foi de pouca duração. Foi saqueado cinco anos depois da morte de Salomão e destruído pelos babilônios 340 anos mais tarde, em 586 a.C.
TEMPLO DE ZOROBABEL	Também foi chamado de “Segundo Templo”. Construído depois da volta do cativo, permaneceu durante 500 anos.
TEMPLO DE HERODES	Foi nesse templo que o Senhor Jesus entrou. Era uma ampliação do templo de Zorobabel. Construído por Herodes, o Grande, era um edifício realmente magnífico de mármore e ouro, cercado por pátios e pórticos. Foi destruído pelos romanos no ano 70 d.C.

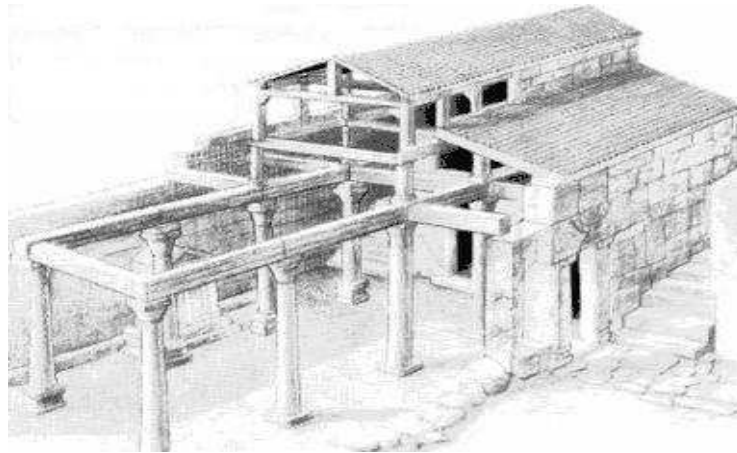
Ainda assim, o modelo de igreja que conhecemos hoje não veio dos templos antigos; e sim de outra organização formada durante o tempo em que o povo de Israel, ficou cativo na Babilônia. Essa organização recebeu o nome hebraico קהל (kahal), que significa “**reunidos juntos**”. A kahal foi considerada como sendo a Igreja do Antigo Testamento. A tradução da palavra “**kahal**” para o grego (idioma utilizado para escrever o Novo Testamento) é συναγωγή (synagôgê). Em português essa palavra foi traduzida como “**sinagoga**”. Vejamos um pouco mais sobre ela para que nós possamos entender em que aspecto ela se assemelha à igreja dos dias atuais:

5. A SINAGOGA E SUA ESTRUTURA

Como vimos anteriormente, no Antigo Testamento, foi o Senhor Deus que ordenou a construção do Tabernáculo de Israel, local onde eram feitos os diversos tipos de sacrifícios. Após a posse da terra prometida (Canaã), o Tabernáculo de Israel foi substituído pelo Templo construído por Salomão. Por causa da idolatria do povo de Israel (cf. Ezequiel 8:1-18), o Templo foi destruído e povo levado cativo

para a Babilônia. Lá um grupo formado por dez pessoas, fundou a primeira sinagoga, que era um local onde o povo de Israel estudava a Palavra, orava e cantava hinos espirituais (salmos).

O objetivo da sinagoga era instruir os filhos de Israel nas coisas de Deus, para que não se esquecessem Dele e assim fossem absorvidos pelas religiões do lugar para onde tinham sido levados. Muitos anos depois, o povo de Israel retornou da Babilônia e reconstruiu o Templo que havia sido destruído por Nabucodozor. Mesmo com a reconstrução do Templo a sinagoga permaneceu em atividade.



(Modelo de uma sinagoga na época de Jesus)

Nos dias de Cristo, a sinagoga tinha um papel muito importante para a comunidade judaica, já que ela era o centro de educação religiosa e de orientação espiritual do povo. Quando Jesus iniciou o seu ministério, a sinagoga representava uma grande força em sua terra, que não poderia ser ignorada. Depois do templo de Jerusalém, era a instituição religiosa mais importante. Apesar de amar e zelar pela casa do Pai, o templo, o Senhor Jesus identificou-se mais com a sinagoga. A grande vantagem da sinagoga era que ela se achava mais acessível ao povo em geral. Por causa disso, foi nos cultos da sinagoga que a igreja cristã iniciante causou maiores impactos. Em algumas sinagogas realizavam-se reuniões onde “fervilhavam” intrigas políticas e idéias de revolta contra o governo romano. Mas outras eram bem tradicionais, acomodadas, que evitavam entrar em controvérsias. Embora não se possa afirmar que houvesse duas sinagogas exatamente iguais, algumas características básicas eram comuns à maioria. Todas elas eram semelhantes no aspecto de possuir as quatro peças de mobiliário, a quais eram:

ARCA	Era chamada o sacrário de Torá, e sua função era conter os rolos das Escrituras.
BEMA	Era uma espécie de plataforma de onde se liam as Escrituras.
BANCOS	Assentos que ficavam encostados a duas ou três paredes. No centro, às vezes, colocavam-se esteiras e em alguns casos cadeiras.

LÂMPADAS DO MENORÁ	As luzes eram um adereço importante na sinagoga, não apenas por razões de ordem prática, mas também como um símbolo da presença de Deus.
---------------------------	--

A maior parte dos interesses das sinagogas era administrada por uma comissão de dez anciãos. A liderança principal era exercida por dois homens, os quais eram:

CHEFE DA SINAGOGA	Esse cargo é mencionado no Novo Testamento e designa um supervisor geral. Quando Jesus ia de um lugar para outro, era convidado para pregar nas sinagogas (isso acontecia porque Jesus era considerado como sendo uma pessoa ilustre): <i>“Então, pela virtude do Espírito, voltou Jesus para a Galiléia, e a sua fama correu por todas as terras em derredor. E ensinava nas suas sinagogas, e por todos era louvado.”</i> (Lucas 4:14-15)
HAZZAN	Era um funcionário da sinagoga, e para isso recebia salário. Era um assistente encarregado de retirar do baú os rolos que deveriam ser lidos, e guardá-los após a leitura. Na ocasião que Jesus leu o livro de Isaías, assim que terminou a leitura, devolveu-o ao assistente: <i>“E, cerrando o livro, e tornando-o a dar ao ministro, assentou-se; e os olhos de todos na sinagoga estavam fitos nele.”</i> (Lucas 4:20)

Quando o Senhor Jesus iniciou o Seu ministério, havia entre os judeus diversos grupos, todos com objetivos próprios. Mas nenhum deles admitia abrir espaço para Ele exercitar ali sua liderança. Fortemente resistentes a mudanças, sentiam-se ameaçados por um forasteiro que afirmava possuir um reino, e ter vindo de Deus.

6. A EDIFICAÇÃO DA IGREJA

Para os judeus, o grande problema de Jesus era Ele ser diferente. Se Ele estivesse “dentro dos padrões”, poderia ser aceito por eles. Como podia ter sido enviado por Deus, se não se identificava com as causas que lutavam? Eles haviam pago um preço muito elevado para conseguir a posição que agora detinham, e não iriam abrir mão dela para seguir a Jesus e a doutrina inovadora que pregava.

Foi quando o Senhor Jesus, em uma conversa informal que estava tendo com os Seus discípulos, fez uma declaração que mudou radicalmente todo conceito de “congregação” que havia na mente daqueles homens. Durante sua conversa com os discípulos, o Senhor Jesus se dirigiu a Pedro e disse: “*Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.*” (Mateus 16:18)

Na afirmação acima, o Senhor Jesus disse que edificaria a Sua própria congregação a qual chamou de “**igreja**”, do grego ἐκκλησία (ekklesia) que significa “**reunião**”, “**assembléia**” ou “**congregação**”. O termo aplica-se a todo o corpo de cristãos em uma cidade (Atos 11: 22; 13:1); a uma congregação (1Coríntios 14:19, 35; Romanos 16: 5) e a todo o corpo de crentes (Efésios 5: 32). A palavra, oriunda da filosofia grega, surgiu por volta do ano 800 antes de Cristo para designar os cidadãos atenienses que, “chamados para fora” de suas casas, se reuniam em praça pública para tratar dos interesses da cidade. Foi aí que surgiu o conceito de democracia. O significado da palavra “**ekklesia**” em si, não era desconhecido dos judeus, pois, uma expressão semelhante (**congregação**) já era utilizada por eles desde o Antigo Testamento:

“Então falou Moisés ao SENHOR, dizendo: O SENHOR, Deus dos espíritos de toda a carne, ponha um homem sobre esta congregação, que saia diante deles, e que entre diante deles, e que os faça sair, e que os faça entrar; para que a congregação do SENHOR não seja como ovelhas que não têm pastor.” (Números 27:15-17)

{*} VALE A PENA SABER:

No Antigo Testamento a palavra hebraica **kohleth** (derivado de **kahal**, “**reunir-se**”), literalmente significa “**aquele que reúne uma assembléia e lhe dirige a palavra**”. Este termo é geralmente traduzido por “**pregador**” ou “**mestre**”. A palavra correspondente no grego da Septuaginta é **ekklesiastes**, e dela deriva o título do livro “**Eclesiastes**” em português. A obra inteira, portanto, é uma série de ensinamentos por um orador público bem conhecido.

Jesus se utiliza desta expressão grega para, em uma linguagem mais contemporânea, dizer aos discípulos que Ele também teria a sua “**ekklesia**”, ou seja, os seus “**chamados para fora**” (do mundo). Este conceito tem a ver com a santificação dos filhos de Deus – tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento. A idéia do “*chamar para fora*” tem início com Abraão, quando este foi “chamado para fora da terra de seus pais” (que era Ur dos caldeus), a fim de ser levado para a terra que Deus daria aos seus descendentes:

“Ora, o SENHOR disse a Abrão: Sai-te da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção. E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra.” (Gênesis 12:1-3)

Abraão fora chamado para fora de um contexto de vida, que não era de acordo com os padrões de Deus, para ir a uma terra e iniciar uma linhagem da qual seria levantada uma nação que deveria viver segundo os padrões de Deus. Uma análise teológica mostra que Deus chama Seu povo, que é especial, para fora de um contexto que é adverso à Sua santidade, para ser um povo santo, e que para isto precisa estar separado do mundo, o contexto contrário à vontade de Deus (cf. Levítico 11:44-45). Se você foi chamado, então, foi chamado para fora. Se Deus o chamou, Ele o fez para que você viva, em espírito, fora do sistema mundano.

Também seguindo a mesma linha de pensamento a palavra “**edificarei**”, do grego οἰκοδομήσω (oikodomésô), proferida por Jesus quer dizer “**fundar uma família, uma sociedade unida, um povo**”. A igreja do Senhor Jesus seria uma “casa de família espiritual”. A diferença em relação às congregações anteriores dos judeus é que a igreja deixaria de ser apenas um grupo organizado de pessoas, mas uma própria família – a Família de Cristo. O Seu povo seria escolhido por Ele mesmo, chamado por Seu nome e autoridade. A igreja é um organismo vivo! Representa um Corpo, uma Família, um Rebanho. O escritor aos hebreus referiu-se a igreja da seguinte forma:

“Mas Cristo, como Filho, sobre a sua própria casa; a qual casa somos nós, se tão somente conservarmos firme a confiança e a glória da esperança até ao fim.” (Hebreus 3:6)

No Antigo Testamento a Igreja era identificada como sendo apenas a nação de Israel. Ali estava o povo de Deus congregado. Assim era conhecida a Congregação de Israel, ou Igreja de Israel. Com a vinda de Jesus, a identificação do povo de Deus passou a ser essencialmente espiritual e não racial. Os israelitas eram o Povo de Deus, mas qualquer um, de qualquer nação, podia, pela fé no Filho de Deus e observância nas Suas leis, agregar-se a essa nova comunidade e identificar-se como Servo de Deus. Foi pensando nisso que o apóstolo Paulo escreveu aos coríntios e depois também aos efésios:

*“Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, **quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres**, e todos temos bebido de um Espírito.” (I Coríntios 12:13)*

*“Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas **concidadãos dos santos, e da família de Deus**; edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que **Jesus Cristo é a principal pedra da esquina**; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor. No qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em Espírito.” (Efésios 2:19-22)*

O que ocorreu em Pentecostes foi a inauguração de uma nova fase da Igreja, ou seja, a sua internacionalização. A Igreja passou a abranger uma multidão de povos, nações, tribos e línguas. A vinda de Jesus quebrou o muro que Israel havia levantado com os outros povos.

7. A IGREJA LOCAL E A IGREJA UNIVERSAL

7.1. A igreja local. Frequentemente, a palavra “igreja” é usada para descrever uma congregação local ou assembleia de santos. Igrejas locais são o resultado da pregação do evangelho. Quando as pessoas obedecem a palavra e se tornam cristãos, elas começam a se reunir com outros irmãos na fé. É a chamada “igreja militante”. São vários membros participantes de um só corpo: o corpo de Cristo. A Igreja “local” não é um edifício construído com blocos e cimento. Ela é um edifício construído com “pedras vivas”:

“Ora, vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular.” (I Coríntios 12:27)

“Assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros.” (Romanos 12:5)

“Vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo.” (I Pedro 2:5)

Na qualidade de organização, uma Igreja local é um grupo de crentes batizados, reunidos pelo Espírito Santo com o propósito de obedecer aos princípios e preceitos da Palavra de Deus. Além de ser uma instituição jurídica perante a sociedade, distingue-se pela sua idoneidade e comportamento revelados na vida e no cotidiano de cada cristão.

7.2. Igreja universal. Algumas vezes a Bíblia usa a palavra “igreja” no sentido universal, isto é, para falar de todo o povo que pertence a Cristo, não importa de onde ele possa ser. É a chamada “igreja triunfante”. É a noiva do Cordeiro que é pura, santa, imaculada e que será arrebatada ao céu. Quando o Senhor Jesus se referiu a ela (cf. Mateus 6:18), Ele não estava falando apenas de uma congregação local, nem estava falando de uma organização ou instituição mundial. Ele estava falando de pessoas, pedras vivas, construídas sobre Ele (Jesus Cristo), a fundação sólida. Foi tendo isso em mente que o apóstolo Paulo escreveu:

“Porque estou zeloso de vós com zelo de Deus; porque vos tenho preparado para vos apresentar como uma virgem pura a um marido, a saber, a Cristo.” (II Coríntios 11:2)

“... como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo... Para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra.” (Efésios 5:23 e Efésios 5:26)

8. A IGREJA COMO ORGANISMO E NÃO ORGANIZAÇÃO

Deve ficar claro em nossas mentes que a Bíblia sempre trata a Igreja como **organismo** (corpo constituído por componentes vivos) e nunca como **organização** (estrutura juridicamente registrada) que só veio existir legalmente depois do segundo século. Desta forma vemos que igreja verdadeira não tem endereço nem construção imóvel, mas são pessoas que juntas vivem uma realidade que não tem par neste mundo, seguindo os padrões de santidade divinos, sendo assim um Corpo, o Corpo místico de Cristo, do qual Ele é a cabeça – embora templo e registro possam ser necessários. Muitas pessoas

têm a noção errada de que a igreja é uma organização ou instituição, independente do povo que compõe a igreja. Este não é o conceito bíblico de igreja. O Senhor Jesus não morreu para comprar terra e edifícios, nem para estabelecer alguma instituição. Ele morreu para comprar as almas dos homens e mulheres que estavam mortos no pecado mas que agora têm salvação e esperança de vida eterna.

A Igreja é o corpo místico de Cristo, do qual Ele é o cabeça vivo e os crentes regenerados são os membros. Quando falamos de corpo, logo nos vem à mente uma união de membros, formando um conjunto, que os gregos denominavam de “soma”; é, também, numa linguagem científica, um conjunto de células reprodutivas. Esse conceito se aplica bem à Igreja na qualidade de corpo de Cristo, que cresce e se reproduz dia-a-dia.

Muitas igrejas sugerem que a “igreja universal” é constituída de todas as congregações locais do mundo. Isto não é um conceito bíblico. Uma igreja local consiste de cristãos que se reúnem num corpo local. Eles podem ser identificados e contados:

“As igrejas da Ásia vos saúdam. Saúdam-vos afetosamente no Senhor Áqüila e Priscila, com a igreja que está em sua casa.” (1Coríntios 16:19)

“Saudai aos irmãos que estão em Laodicéia e a Ninfa e à igreja que está em sua casa.” (Colossenses 4:15)

A igreja universal consiste de todos os discípulos de Cristo em todo o mundo. Nenhum homem é capaz de identificar e contar todos os membros deste corpo universal. Tentativas de contar todos os verdadeiros cristãos em uma nação ou no mundo ilustram a ignorância e a vaidade dos homens. Somente Deus pode contar e identificar seus primogênitos “arrolados nos céus”:

“À universal assembléia e igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus, e a Deus, o juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados.” (Hebreus 12:23).

O conceito de igreja não admite o isolamento. A igreja é o conjunto dos salvos. Não um bando, mas uma família, um rebanho, com organização e liderança. São pessoas reunidas para um determinado fim. Vemos aqui a idéia de uma missão. A igreja não é um clube social. É um exército com uma missão. Cada igreja “local” é uma agência de salvação. Esta tem que ser a nossa finalidade, o nosso objetivo. A igreja não é uma casa de espetáculos, mas um “oásis” para os sedentos. A igreja não é um auditório, onde a maioria só assiste. Cada um deve atuar na obra. Sem ação, a assembléia, a congregação, a reunião, será inútil. O Senhor Jesus quer a expansão do seu reino e com ele a salvação de todos os homens. Daí a necessidade de evangelismo e do discipulado.

9. OBJETIVOS DA IGREJA

9.1. Evangelizar o mundo. A evangelização do mundo é o propósito maior da Igreja. Uma vez que vemos que desde a antiguidade Deus sempre quis reconciliar o homem para consigo, a Igreja é o instrumento mais poderoso para efetuar esta missão, pois, individualmente, cada crente é um porta-voz

de Cristo para proclamar a salvação e o arrependimento de pecados. A evangelização é um poderoso indicador do comprometimento com o evangelho, e a igreja local que evangeliza é repleta da presença de Deus, de dons espirituais e de maravilhas.

9.2. Adorar Deus e, enquanto igreja “local”, prover meios de adoração. Esta é uma das características maiores da Igreja do Senhor. Ela nasceu e vive para adorar a Deus, *pois o Pai procura aqueles que o adorem em Espírito e em verdade* (cf. João 4:19-24), ou seja, com sinceridade de coração. Isto mostra o dever de cada cristão em adorar ao Senhor, não simplesmente por louvor, mas por vida, consagração pessoal, santidade e amor ao próximo. E a Igreja “local” deve promover entre os seus congregados meios pelos quais eles possam adorar a Deus, como o louvor congregacional, consagrações, etc.. A busca pela presença de Deus deve estar acima de todos os nossos interesses particulares. Observe atentamente o texto abaixo:

“Ó Deus, tu és o meu Deus, de madrugada te buscarei; a minha alma tem sede de ti; a minha carne te deseja muito em uma terra seca e cansada, onde não há água; para ver a tua força e a tua glória, como te vi no santuário. Porque a tua benignidade é melhor do que a vida, os meus lábios te louvarão.” (Salmo 63:1-3)

Devemos desejar que a presença de Deus flua intensamente em nós. Deve existir em nós uma sede insaciável pela glória manifesta de Deus em nossas vidas. Uma das orações feitas pelo profeta Isaías demonstra claramente o desejo que ele possuía: ver a Deus em toda a Sua plenitude mais uma vez:

“Com minha alma te desejei de noite, e com o meu espírito, que está dentro de mim, madrugarei a buscar-te;...” (Isaías 26:9)

O salmista Davi foi ainda mais profundo ao demonstrar em palavras o quanto ele desejava a presença de Deus em sua vida. Veja como era o desejo de um homem segundo o coração de Deus:

“Assim como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus! A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando entrarei e me apresentarei ante a face de Deus?” (Salmo 42:1-2)

O cervo, quando perseguido por um animal predador, busca as águas não tanto para beber, mas para mergulhar nelas, para estar submerso. Por quê? Porque o cervo sabe que o seu cheiro está atraindo o animal predador. E também sabe que, se ele encontrar água e mergulhar nela, o cheiro se perderá, irá embora. Nenhum animal o alcançará. Você e eu, quando perseguidos pelo inimigo, devemos fazer o quê? De que necessitamos? Precisamos das águas do Espírito Santo para que possamos mergulhar na presença do Deus Todo-Poderoso onde nenhum demônio poderá nos alcançar ou nos tocar. Precisamos junto com os nossos outros irmãos, criar uma “atmosfera” de adoração para que Deus possa habitar.

9.3. Viver a mordomia cristã. Isto nada mais é do que sujeitar-se ao senhorio de Cristo. O crente individualmente e a Igreja como um todo deve entender e compreender que nada do que possui é seu exclusivamente, pois do Senhor é a terra, e a sua plenitude, e todos os que nela habitam (cf. Salmo

24:1). Devemos viver profundamente esta verdade e procurando aplicar nossas vidas, nossos talentos, nossas posses, tudo em favor da obra e da expansão do reino de Deus na face da terra.

9.4. Buscar a presença de Deus. Certa vez Moisés estava no monte Sinai conversando com Deus. Lá Deus lhe disse que ele havia alcançado a graça e favor do Deus Todo-Poderoso. Moisés poderia aproveitar a oportunidade e pedir qualquer coisa que quisesse, mas optou por buscar a Face de Deus e não apenas as Suas mãos. Moisés, ao invés de buscar a bênção, preferiu buscar o Abençoador:

*“Então disse o SENHOR a Moisés: Farei também isto, que tens dito; porquanto achaste graça aos meus olhos, e te conheço por nome. Então ele disse: **Rogo-te que me mostres a tua glória.** Porém ele disse: Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti, e proclamarei o nome do SENHOR diante de ti; e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem eu me compadecer. E disse mais: Não poderás ver a minha face, porquanto homem nenhum verá a minha face, e viverá. Disse mais o SENHOR: Eis aqui um lugar junto a mim; aqui te porás sobre a penha. E acontecerá que, quando a minha glória passar, por-te-ei numa fenda da penha, e te cobrirei com a minha mão, até que eu haja passado. E, havendo eu tirado a minha mão, me verás pelas costas; mas a minha face não se verá.” (Êxodo 33:17-23)*

Buscamos a face de Deus através da **oração**. A oração pode ser dividida em sete estágios os quais são: confissão, súplica, adoração, intimidade, intercessão, gratidão e louvor.

9.5. Estudo e ministração da Palavra. Na sinagoga os judeus deixaram de estudar a Palavra de Deus (Torá) e passaram a discutir apenas costumes e tradições (Mishiná e Talmude). Infelizmente muitas igrejas estão no mesmo caminho. Precisamos voltar urgentemente para prática da exposição bíblica da Palavra. E isso é muito diferente de apenas freqüentarmos a escola bíblica dominical. Precisamos pregar **a** Palavra e não **da** Palavra. Caso contrário, muitos cristãos se sentirão como o eunuco que foi à igreja e voltou de lá sem ter aprendido nada:

*“E levantou-se, e foi; e eis que um homem etíope, eunuco, mordomo-mor de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todos os seus tesouros, e tinha ido a Jerusalém para adoração, regressava e, assentado no seu carro, lia o profeta Isaías. E disse o Espírito a Filipe: Chega-te, e ajunta-te a esse carro. E, correndo Filipe, ouviu que lia o profeta Isaías, e disse: **Entendes tu o que lês? E ele disse: Como poderei entender, se alguém não me ensinar? E rogou a Filipe que subisse e com ele se assentasse.”** (Atos 8:27-30)*

9.6. Cultivar a comunhão uns com os outros. Certa vez o Senhor Jesus fez uma oração. E essa foi a única oração que Ele não obteve resposta. A oração feita por Jesus foi a seguinte:

*“E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim; **para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste.”** (João 17:20-21)*

O Senhor Jesus pediu ao Pai que nós fôssemos um. A resposta a essa oração depende de mim, depende de você, depende de todos nós. Precisamos viver em **unidade** (o que é diferente de **uniformidade**). Uniformidade é desejar que todos tenham a mesma aparência, se vistam iguais e tenham atitudes iguais. A **unidade** na igreja é composta por pessoas diferentes, com estilos diferentes e até mesmo

com alguns pensamentos diferentes, mas sempre com o mesmo objetivo: exaltar e glorificar o nome de Deus juntamente com a igreja e, desenvolver junto com os demais irmãos, um trabalho conforme aquilo que o Espírito Santo de Deus tem ministrado em seus corações. Nós devemos ser como uma orquestra, onde cada instrumento musical, pode até tocar notas diferentes e, ainda assim, produzir sons em harmonia com os outros instrumentos. Gostamos de ir a concertos para sentir o prazer de ouvir os sons em harmonia – não os sons uniformes – de uma orquestra. Nós logo nos cansaríamos da monotonia e iríamos embora se todos os instrumentos no palco tocassem a mesma nota, tivessem o mesmo ritmo e volume. A maravilha de uma sinfonia é fruto de sua unidade na diversidade. Assim devemos agir uns com os outros pois, só assim, a pessoas crerão que *“Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.”* (João 3:16)

O ideal de união para a igreja nunca chegará a completa satisfação na terra, em função de posições teológicas diferenciadas entre grupos componentes da Igreja. Estas diferenças surgem de início em decorrência da incapacidade humana de plena compreensão da Bíblia em sua íntegra e da debilidade humana em compreender plenamente a vontade do Deus infinito, revelado em Cristo Jesus.

Apressando para atingir o alvo de união, cabe à igreja local e aos indivíduos que a compõem definir até que ponto pode haver sua cooperação e envolvimento com outros de perspectivas divergentes. Dentro da igreja local, há algo da mesma necessidade, porém espera-se que os indivíduos de uma congregação poderiam mais facilmente cooperar entre si. A união esperada não é que todos sejam igualmente amigos íntimos, mas que todos tenham respeito cada um pelo outro e procurem atuar entre si em amor. Nestes parâmetros, é possível viver em harmonia e união para em conjunto cumprirem com a missão da igreja.

10. ILUSTRAÇÃO DAS FERRAMENTAS DA CARPINTARIA

Contam que na carpintaria houve uma vez uma estranha assembléia. Foi uma reunião de ferramentas para acertar suas diferenças. Um martelo exerceu a presidência, mas os participantes lhe notificaram que teria que renunciar. A causa? Fazia demasiado barulho; e além do mais, passava todo o tempo golpeando.

O martelo aceitou sua culpa, mas pediu que também fosse expulso o parafuso, dizendo que ele dava muitas voltas para conseguir algo. Diante do ataque, o parafuso concordou, mas por sua vez, pediu a expulsão da lixa. Dizia que ela era muito áspera no tratamento com os demais, entrando sempre em atritos. A lixa acatou, com a condição de que se expulsasse o metro que sempre media os outros segundo a sua medida, como se fora o único perfeito.

Nesse momento entrou o carpinteiro, juntou o material e iniciou o seu trabalho. Utilizou o martelo, a lixa, o metro e o parafuso. Finalmente, a rústica madeira se converteu num fino móvel. Quando a carpintaria ficou novamente só, a assembléia reativou a discussão.

Foi então que o serrote tomou a palavra e disse:

— *Senhores, ficou demonstrado que temos defeitos, mas o carpinteiro trabalha com nossas qualidades, com nossos pontos valiosos. Assim, não pensemos em nossos pontos fracos, e concentremo-nos em nossos pontos fortes.*

A assembléia entendeu que o martelo era forte, o parafuso unia e dava força, a lixa era especial para afinar asperezas, e o metro era preciso e exato. Sentiram-se então com uma equipe capaz de produzir móveis de qualidade. Sentiram alegria pela oportunidade de trabalharem juntos.

A igreja é composta por pessoas diferentes onde cada uma contribui com o seu dom, conforme a vontade do nosso “carpinteiro” Jesus Cristo.

11. FORMAS DE GOVERNO DA IGREJA

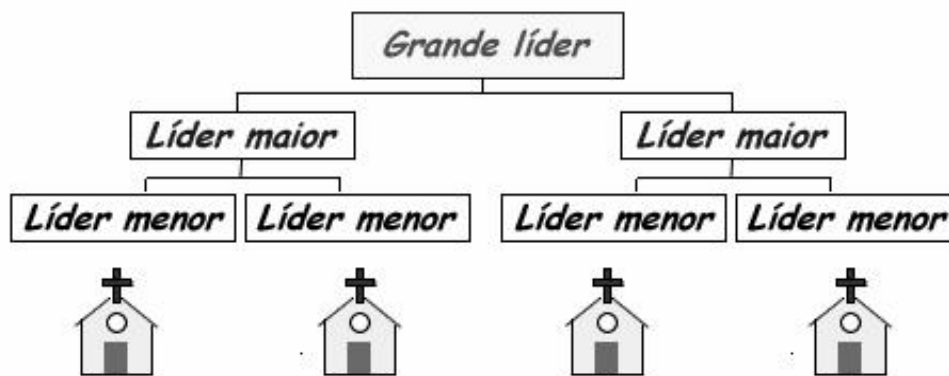
A igreja, mesmo sendo uma instituição Divina, precisa ter seu governo humano. Com o decorrer da história, e o crescimento da igreja, formas de governo foram transparecendo no meio comunitário da igreja.

A questão do governo da igreja consiste, em última análise, em definir onde reside a autoridade dentro da igreja e quem deve exercê-la. Na realidade, os defensores das várias formas do governo da igreja concordam que Deus é (ou possui) a autoridade final – a chamada θεοκρασία (Theokracía = governo de Deus). Os pontos em que diferem estão em suas concepções de como ou por meio de quem ele expressa ou exerce essa autoridade.

Em nossos dias, pelo menos três formas são encontradas. Todas as igrejas se encaixam, mesmo que indiretamente, em uma destas formas ou sistemas de governo.

11.1. Governo episcopal.

O sistema de governo Episcopal é identificado por um sistema que limita as decisões aos bispos, os principais líderes. Os bispos não são os únicos líderes encontrados na igreja partidária ao sistema de governo episcopal, existe também presbíteros e diáconos. Uma hierarquia (organograma) é formada basicamente desta forma:



Todas as igrejas assim governadas, não permitem que os membros opinem nas decisões importantes, sendo na realidade, os últimos a saberem das coisas. A igreja localizada tem que prestar contas de todas as suas atividades, na pessoa do líder, a um líder maior, que por sua vez, presta relatório ao líder principal.

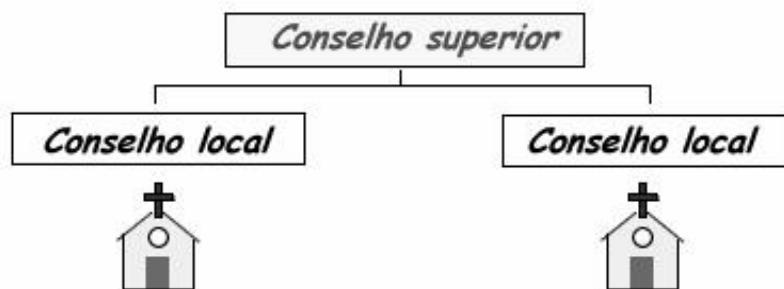
No organograma feito acima, o que chamo de “Grande líder”, é basicamente, aquele que toma todas as decisões, sendo responsável por todas as igrejas da denominação. Aquele que chamo de “Líder maior”, é o líder responsável por algumas igrejas localizadas. “Líder menor” é o que classifico como o líder de uma igreja local.

Não existe fundamento bíblico para este sistema de governo. Os que pregam este sistemas governamental, se inspiram unicamente em personagens no Novo Testamento (em especial Tito e Timóteo). Segundo os adeptos à esta hierarquia, os Apóstolos se organizavam desta maneira (cf. Tito 1:5; Atos 15:23), porém, não é muito claro esta doutrina nas Escrituras.

Existem algumas igrejas que, oficialmente, não admitem adotar este sistema de governo, mas, pelo menos em parte, são igrejas assim governadas (Igreja Renascer em Cristo, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja da Graça e outras comunidades).

11.2. Governo presbiteriano.

As igrejas que são governadas neste sistema de governo têm suas grandes decisões tomadas por um conselho formado basicamente de Pastores e Presbíteros. São eles quem escolhe os líderes de ministério (departamento), professores da EBD, e todos os demais cargos da igreja. A participação dos demais membros se restringe em escolher o conselho eclesiástico; uma vez feito isto, todo poder de decisão passa para estes homens. A hierarquia presbiteriana é formada por dois conselhos administrativos, o local e o conselho superior, sendo este segundo o revisor responsável pelos conselhos inferiores. Num organograma, podemos demonstrar desta forma:



Obs: Este organograma sofre alterações dependendo da denominação.

Na realidade, no sistema presbiteriano, existem algumas vantagens, por exemplo, no sistema presbiteriano, um fator de grande importância, jamais poderá ser decidido em assembleia, por uma criança ou por um novo e inexperiente convertido.

Mesmo que os Presbíteros sejam os “representantes” da igreja nas decisões, uma vez que estes foram escolhidos pela igreja, não parece justo que os membros sejam impedidos de votar em assembleias, (com exceção na escolha de pastores). Esta forma de governar a igreja, é fundamentada em textos bíblicos como Atos 15 e 1Timóteo 5:17. A igreja Presbiteriana, igreja Reformada e algumas facções da igreja Metodista, são as principais igrejas que são governadas pelo sistema presbiteriano.

11.3. Governo congregacional.

O sistema de governo congregacional, também conhecido de sistema independente, dá total soberania à igreja local. O poder de decisão não está centralizado em nenhuma pessoa ou líder, tampouco a conselhos. As igrejas locais são completamente “desligadas” uma das outras, sendo as mesmas independentes em suas decisões. Os congregacionais afirmam que cada igreja prestará contas à Deus por suas atitudes, e isto, faz com que elas tenham liberdade de interpretar a vontade de Deus livremente.

Sistema de governo congregacional: igrejas independentes.



O sistema de governo congregacional se baseia na afirmação feita pelo Apóstolo Pedro, que declara que todo crente é um sacerdote escolhido por Deus (1Pedro 2:9); de certa forma, isto dá poder igual a todos os membros da igreja. Os congregacionais respeitam os líderes (pastores e diáconos ou presbíteros), mas pregam que a igreja deve ser submissa, acima de qualquer coisa, à Jesus Cristo. São

governadas assim, as igrejas Batistas em todo o mundo, a igreja congregacional, diversas tendências de igrejas Pentecostais, e todas as igrejas que terminam sua placa denominacional com a palavra “independente” (Presbiteriana independente, por exemplo).

11.4. Um sistema de governo eclesiástico para hoje.

Tentativas de desenvolver para a igreja uma estrutura de governo que esteja de acordo com a autoridade da Bíblia encontram dificuldades em dois pontos. O primeiro é a falta de material didático. Não há exposição prescritiva (ordenada) sobre como deve ser o governo da igreja. Quando passamos a examinar as passagens descritivas, encontramos um segundo problema. Há tantas variações nas descrições das igrejas do Novo Testamento, que não conseguimos descobrir um padrão normativo. Precisamos, portanto, buscar os princípios que encontramos no Novo Testamento, tentando construir nosso sistema de governo de acordo com eles.

Um princípio evidente no Novo Testamento, especialmente em 1Coríntios, é o valor da ordem. É desejável que certas pessoas sejam responsáveis por ministérios específicos. Outro princípio é o sacerdócio de todos os crentes. Cada pessoa é capaz de se relacionar diretamente com Deus. Finalmente, a idéia de que cada pessoa é importante para todo o corpo está implícita em todo o Novo Testamento e explícita em passagens como Romanos 12 e 1Coríntios 12.

No entender da maioria dos teólogos estudiosos, a forma congregacional de governo da igreja é a que cumpre melhor (pelo menos em tese) os princípios colocados. Ela leva em consideração o princípio do sacerdócio e da competência espiritual de todos os crentes. Também leva em consideração a promessa de que o Espírito habita em todos os crentes e os dirige. Ao mesmo tempo, a necessidade de ordem dá a entender que é preciso algum grau de governo representativo. Em algumas situações, é preciso escolher líderes para que ajam em favor do grupo. Os escolhidos devem estar sempre conscientes de que devem prestar contas as pessoas que representam e, quando possível, as questões mais importantes devem ser levadas aos membros como um todo para decisão.

12. AS ORDENANÇAS DA IGREJA: O BATISMO E A CEIA DO SENHOR

12.1. O batismo.

Consideramos o batismo e a ceia como **ordenanças** determinadas e cumpridas por Jesus Cristo (Marcos 16:15-16; Mateus 26:26-28; 28:16-20; Lucas 22:7-23; 1Coríntios 11:23-29). Ordenança é um ato simbólico determinado por Jesus Cristo para ser cumprido pela sua igreja até a Sua volta, como testemunhas que somos das verdades centrais do evangelho. Recusamos o termo **sacramento**, pois contém em si a idéia católica romana de conferir graça e produzir efeitos àqueles que são batizados ou participam da ceia. O batismo não salva; não transforma um pecador em cristão; não apaga pecado. O batismo e a ceia concretizam, representam uma idéia abstrata.

O batismo, do grego βαπτίςμα (baptisma), consiste na imersão, submersão e emersão do crente em água, após sua pública profissão de fé em Jesus Cristo como Salvador único, suficiente e pessoal (Atos 2:41-42; 8:12,36-39; 10:47-48; 16:33; 18:8). A palavra grega é derivada de βαπτω (baptô = imergir) e possui a idéia, usada entre os gregos, de tirar água imergindo uma vasilha em outra.

O batismo é o testemunho público de quem já se declarou crente por ter aceitado a Jesus Cristo como seu único, suficiente e eterno salvador. Marca uma vida regenerada e em início de santificação.

O primeiro batismo de que se tem notícia no Novo Testamento é o praticado por João, o batista. Este batismo foi chamado de o batismo do arrependimento pelo apóstolo Paulo. Por ele passou todos os apóstolos de Jesus. Jesus foi batizado por João, mas o batismo de Jesus tem um desígnio totalmente diferente do administrado por João aos pecadores confessos. Finalmente temos o batismo administrado pela Igreja de Jesus, primeiramente pelos apóstolos antes de sua morte, depois, pela Igreja organizada de Jerusalém.

Esse batismo era por imersão. Seu desígnio era totalmente diferente do administrado pela Igreja. Simbolizava que Jesus iria morrer, iria ser sepultado e iria ressuscitar dentre os mortos. Era uma crença “Naquele que há de vir”, como dizia o próprio João. João podia administrá-lo porque como ele confirmou, e não negou: “aquele que me mandou batizar”, referindo-se ao próprio Deus, dera-lhe tal autoridade. Importante lembrar que João só batizava pecadores confessos, ou seja, pessoas que estavam conscientes de que eram pecadores. Grande número de pessoas participaram desse batismo administrado por João. Inclusive os doze apóstolos do Senhor Jesus. Este batismo terminou quando João foi encerrado na prisão, coincidindo com o início do ministério de Jesus. Aquele que havia de vir chegou, e por isso, não necessitavam mais ser batizados para aquele fim. Quando Jesus iniciou seu ministério João foi preso, e da prisão foi decapitado. Findou-se assim o batismo de João aos pecadores confessos.

O batismo de Jesus também foi por imersão. Seu desígnio também era diferente do administrado por João aos pecadores confessos e dos administrado pela Igreja aos crentes arrependidos. Simbolizava que Ele daria sua vida nossos pecados, seria sepultado e depois ressuscitaria em Glória. Não era uma crença, era o cumprimento da vontade do Pai, ou como o próprio Senhor Jesus disse: “Para que se cumpra toda a justiça”. Nesta passagem vemos a importância da pessoa que administra o batismo, pois, o Senhor Jesus podia ter batizado a si próprio, mas não o fez. Andou mais de cem quilômetros e foi até onde João estava batizando, e lá, recebeu o batismo da pessoa que o próprio Deus tinha ordenado para o ato.

O batismo administrado pela Igreja primitiva, e praticado por nós hoje, simbolizava a morte e sepultamento do velho homem, a ressurreição para uma nova vida em identificação com o Senhor Jesus Cristo, e também, prenúncio da ressurreição dos remidos, (Romanos 6:3-5; Gálatas 3:27; 1Pedro

3:21). Três fortes razões nos levam a insistir na imersão como o único modo ou forma de batizar. A primeira é que Jesus foi batizado no rio Jordão como relatam Marcos 1:10; e João 3:23. A segunda é que a palavra batizar foi transliterada de outra que significa imergir ou mergulhar. Se autor bíblico quisesse ensinar demonstrar, que havia outras formas para o batismo que não fosse o de imersão, ele usaria uma palavra específica para isso como, por exemplo, ῥαντίζο (rhantízo = aspergir). A terceira razão, a mais importante, é que só a imersão seguida da emersão em água podem simbolizar o sepultamento do pecador e a ressurreição dele regenerado.

12.2. A ceia do Senhor

A ceia, do grego δείπνον (deípnon = festa; banquete), do Senhor é a segunda ordenança que relembra o sacrifício do corpo e do sangue de Jesus Cristo. Os elementos da ceia são o pão e o vinho que sugerem nutrição e o crescimento em Cristo. O crente se batiza uma vez, mas participa da ceia repetidas vezes. A ceia do Senhor relembra a última ceia de Jesus com os seus discípulos. Também faz lembrar que o Senhor voltará (1Coríntios 11:26).

A ceia do Senhor é uma cerimônia da igreja reunida, comemorativa e proclamadora da morte do Senhor Jesus Cristo, simbolizada por meio dos elementos utilizados: O pão e o vinho (Mateus 26:26-29; 1Coríntios 10:16-21; 11:23-29).

Nesse memorial o pão representa o seu corpo partido por nós e o vinho simboliza o seu sangue derramado no Calvário.

A ceia do Senhor deve ser celebrada pelas igrejas até a volta de Cristo. Além das mensagens temporais sobre o passado, o presente e o futuro que a ceia transmite, há também a mensagem da comunhão. A ceia é um ato de culto em contexto social. O Novo Testamento não apresenta a celebração da ceia em contexto individual, mas coletivo no culto da igreja. A celebração da ceia do Senhor é também um momento de reflexão íntima para verificar se há alguma mágoa provocada por nossas atitudes, ou de outros. É um momento em que devemos buscar e liberar o perdão.

Na região de Coríntios acontecia anualmente a **festa Ágape** que consistia em cada membro da igreja (*estamos aqui falando somente de homens*) levar uma porção dobrada de comida e vinho para ser partilhada com pessoas famintas numa ceia festiva. Essa festa se tornou em uma festa que simbolizava a última ceia de Cristo. O problema é que haviam homens nessa igreja que acreditavam que os famintos estavam nessa condição por serem pecadores e, por isso, não era dignos de serem alimentados. Então esses homens avaros comiam, em secreto antes da ceia, as porções de comida e vinho a mais que seriam destinadas aos famintos; eles se fartavam e se embebedavam com a comida a mais, simplesmente para não deixar alimentar os pobres, que eles consideravam pecadores. Isso causou muita dissensão entre os membros que queriam fazer caridade aos famintos e os que acreditavam ser a fome um castigo aos pecadores.

Estudando 1 e 2 Coríntios, que são duas cartas escritas por Paulo e enviadas à igreja de Coríntios para manutenção da fé, exortações diversas e correções de doutrina, podemos entender mais claramente o significado da ceia do Senhor. Diante disso, vamos fazer uma leitura analítica dos principais versículos que referem-se a ceia do Senhor:

(1Coríntios 11:2) → “De fato, eu vos louvo porque, em tudo, vos lembrais de mim e retendes as tradições assim como vo-las entreguei.” (*O capítulo começa com um singelo elogio, preparando o texto para a exortação que está por vir*).

(1Coríntios 11:17) → “Nisto, porém, que vos prescrevo, não vos louvo, porquanto vos ajuntais não para melhor, e sim para pior.” (*Aqui Paulo nos mostra o verdadeiro conteúdo dos versículos adiante: uma bronca pela falta de amor demonstrada na festa Ágape*).

(1Coríntios 11:18-19) → “Porque, antes de tudo, estou informado haver divisões entre vós quando vos reunis na igreja; e eu, em parte, o creio. Porque até mesmo importa que haja partidos entre vós, para que também os aprovados se tornem conhecidos em vosso meio.” (*Paulo nos mostra que a diferença de idéias é sadia até mesmo na Igreja. Algo muito importante para os dias de hoje, em que a igreja prefere impor cabrestros aos invés de discernir os melhores pensamentos*).

(1Coríntios 11:20) → “Quando, pois, vos reunis no mesmo lugar, não é a ceia do Senhor que comeis.” (*Pois como pode ser a ceia do Senhor sem o mínimo amor para com o próximo?*).

(1Coríntios 11:21) → “Porque, ao comerdes, cada um toma, antecipadamente, a sua própria ceia; e há quem tenha fome, ao passo que há também quem se embriague.” (*Paulo começa a exortar os que comiam escondidos; eles se embriagavam com tanto vinho enquanto outros padeciam de fome*).

(1Coríntios 11:22) → “Não tendes, porventura, casas onde comer e beber? Ou menosprezais a igreja de Deus e envergonhais os que nada têm? Que vos direi? Louvar-vos-ei? Nisto, certamente, não vos louvo.” (*Literalmente: isso tudo é fome? Vocês não têm comida em casa? Precisam mesmo demonstrar tamanha gula?*).

(1Coríntios 11:26) → “Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha.” (*Todas as vezes que os membros participavam dessa festividade e compartilhavam o pão era uma homenagem ao sacrifício de Cristo ao doar sua vida pelo mundo*).

(1Coríntios 11:27) → “Por isso, aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor.” (*Portanto, quem transforma uma homenagem de amor em discórdia e avareza será punido por seu ato*).

(1Coríntios 11:28-29) → “Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice; pois quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si.” (*Logo, que se*

arrependam os que tratam com avareza o seu próximo e que não corrompam mais a ceia para que não sejam condenados).

(1Coríntios 11:30) → “Eis a razão por que há entre vós muitos fracos e doentes e não poucos que dormem.” (*Esse versículo cita literalmente os fracos por fome e miséria. Por causa da avareza de uns, muitos padecem de fome).*

(1Coríntios 11:31-32) → “Porque, se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. Mas, quando julgados, somos disciplinados pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo.” (*Os avarentos observam essa realidade de fome e miséria e não se culpam por não ajudar os necessitados. Mas o Senhor repreende com amor para que não voltem a errar).*

(1Coríntios 11:33-34) → “Assim, pois, irmãos meus, quando vos reunis para comer, esperai uns pelos outros. Se alguém tem fome, coma em casa, a fim de não vos reunirdes para juízo. Quanto às demais coisas, eu as ordenarei quando for ter convosco.” (*E aqui a conclusão do propósito do texto: os avarentos deveriam comer e partilhar a comida e o vinho com todos para que não fossem condenados por seus atos).*

O Senhor Jesus nos ordena, em Sua palavra, partilhar o pão e nos dedicarmos ao próximo em memória dEle. Se não houver esse amor, essa dedicação ao aflito, não há **ceia do Senhor**, não há a memória do amor de Jesus. Por isso Paulo condena a falta de amor na comemoração.

BIBLIOGRAFIA

- BANCROFT, Emery H.. *Teologia Elementar; Doutrinária e Conservadora*. São Paulo: IBR, 1966. 43-45, 101, 109, 114-115, 118 p.
- CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Trad. J. M. Bentes. 7. ed. São Paulo: Hagnos, 2004. 1037 p.
- COENEN, Lothar & BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento – Volume II (N-Z)*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 1531-1532 p.
- DOUGLAS, J.D.. *O novo dicionário da Bíblia*. Trad. João M. Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 1680 p.
- ERICKSON, Millard J.. *Introdução à Teologia Sistemática*. Trad. Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997. 540 p.
- PONTES FILHO, Jose. *A igreja que Deus quer*. Curitiba: Esperança, 2003. 13-33 p.
- VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 1115 p.